

## ETNOCENTRISMO: INCONSCIENTE, IMAGINÁRIO E PRECONCEITO UMA ANÁLISE DE “PRISCILA, A RAINHA DO DESERTO”

Adrian Alvarez Estrada\*

*“A colocação central sobre o etnocentrismo pode ser expressa como a procura de sabermos os mecanismos, as formas, os caminhos e razões, enfim, pelos quais tantas e tão profundas distorções se perpetuam nas emoções, pensamentos, imagens e representações que fazemos da vida daqueles que são diferentes de nós”*

(Everardo Rocha)

*“Perguntar sobre o que é etnocentrismo é, pois, indagar sobre um fenômeno onde se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais e afetivos”*

(Everardo Rocha)

*“Na África do Sul contemporânea, o apartheid se baseia na teoria de que os negros são membros de espécies diferentes e, portanto, incapazes de entender a lei e a ordem dos civilizados. A maior parte de nós mesmos reagimos com indignação diante de tais atitudes e, sem dúvida, nos comportamos de um modo muito parecido. Expulsamos da sociedade os criminosos, lunáticos e pessoas de idade avançada, simplesmente porque os declaramos anormais, mas uma vez que esta anormalidade tenha se estabelecido, nossa violência pode se exercer sem limites”*

(Edmund Leach)

ESTRADA, A. A. Etnocentrismo: Inconsciente, Imaginário e Preconceito Uma Análise de “Priscila, a Rainha do Deserto”. *Akrópolis*, 12(2): 51-54, 2004

**RESUMO:** A manifestação do etnocentrismo demonstra a incapacidade dos sujeitos sociais de olharem para além do seu próprio universo cultural, desconfiando de todos aqueles que mostram diferentes em sua mentalidade e comportamento. Quando nos tornamos incapazes de compreender o Outro, toda relação social fica contaminada pela desconfiança que pode chegar aos extremos da intolerância e da violência.

**Palavras-Chave:** etnocentrismo, tolerância, alteridade, violência.

### ETHNOCENTRISM: UNCONSCIOUS, IMAGINARY AND PREJUDICE AN ANALYSIS OF “PRISCILA, THE QUEEN OF THE DESERT”

ESTRADA, A. A. Ethnocentrism: Uncconscious, Imaginary and Prejudice an Analysis of “Priscila, the Queen of the Desert”. *Akrópolis*, 12(2): 51-54, 2004

**ABSTRACT:** The manifestation of the ethnocentrism demonstrates the inability of the social subjects of they look at for besides its own cultural universe, distrusting all those that show different in its mentality and behavior. When we became unable to understand the Other, all social relationship is polluted for the distrust that can arrive to the ends of the intolerance and of the violence.

**Key words:** ethnocentrism, tolerance, other, violence

#### Introdução

As epígrafes supra citadas suscitam a problemática do etnocentrismo, além de servirem como referência para discutir o tema. Mas o que é etnocentrismo?

O etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas “diferentes”. Segundo Everardo Rocha (1989:7) “Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como

centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. Já Edmund Leach (1993) não utilizava o termo etnocentrismo, mas ao refletir sobre o comportamento humano, comparando-o com as demais espécies de animais conclui que:

Minha opinião é de que nossa propensão ao crime é uma consequência paradoxal de nossa dependência da comunicação verbal; usamos as

\*Doutorando em Educação pela USP; Mestre em Educação pela USP; Coordenador do Colegiado do Curso de Pedagogia da UNIPAR/Cascavel; e-mail: adrian@unipar.br.

palavras de tal forma que chegamos a pensar que os homens que se comportam de modos diferentes são membros de espécies diferentes. (LEACH, 1993:3)

Ainda segundo Leach (1993:3-4):

Os lobos ‘não’ se matam entre si, porque ‘todos’ os lobos se ‘comportam’ com a mesma linguagem. Se um lobo ataca outro, a vítima responde automaticamente com um gesto que faz com que o agressor interrompa a luta. O gesto tem o mesmo efeito que uma expressão lingüística. É como se eu atacasse você, e você gritasse: ‘Ei! Você não pode fazer isso, sou um de seus amigos!’, ou talvez de forma mais submissa: ‘Sou um de seus servos’. Entre os animais estas respostas têm o caráter de ações que paralisam o mecanismo de agressão. Em um dado momento a parte mais frágil deve render-se e, logo que isto ocorre, o agressor não tem outra alternativa senão desistir. Desta forma a vítima do ataque raramente se encontra em perigo.

De modo genérico, Leach (1993:4) conclui que:

Devido ao modo como se organiza nossa linguagem e do modo em que estamos educados, cada um de nós se situa constantemente numa atitude de luta. “Eu” me identifico a mim mesmo como um coletivo “nós” que então contrasta-se com algum “outro”. O que “nós” somos, e o que o “outro” é, dependerá do contexto. Se “nós” somos ingleses, então os “outros” são franceses, americanos ou alemães. Se “nós” somos os defensores da livre empresa capitalista, então os “outros” são comunistas. Em qualquer caso, “nós” atribuímos qualidades aos “outros”, de acordo com sua relação para com nós mesmos.

Em termos psicológicos, Sylvia B. Perera (1991) desenvolve o chamado “Complexo de Bode Expiatório”, que é

aplicado a indivíduos ou grupos de indivíduos apontados como causadores de infortúnio. Apontar um bode expiatório significa encontrar aqueles que podem ser identificados com o mal, acusados de tê-lo causado e expulsos do círculo da família ou da comunidade, de modo a deixar os membros restantes com o sentimento de que estão livres de culpa. (PERERA, 1991:11)

## Etnocentrismo e Violência

De fato trata-se de uma dominação, uma violência que, historicamente, não somente se concretizou através das diversas formas de colonialismos mas, sobretudo, disfarçadamente por meio daquilo que Pierre Bourdieu chama de “*violência simbólica*”, que é o “*colonialismo cognitivo*” na antropologia de De Martino. Privilegia-se um referencial teórico-prático que segue o “padrão da racionalidade técnica” (Lévi-Strauss), escolhendo-se, assim, o único tipo de cultura e educação com ele compatíveis (“cultura hegemônica” e “culturas subalternas”), declarando-se “outras” as culturas diferentes com orientações incompatíveis com o referencial escolhido; procura-se reduzi-las nas suas especificidades e diferenças tornando-as mais diferentes do que são e, a seguir, são exorcizadas, por meio de várias estratégias. Em profundidade está se projetando “fora”<sup>1</sup>, como Outro e como Sombra<sup>2</sup>, o que é incompatível e perigoso reconhecer que pertença ao universo da cultura padrão escolhida. Retomando o “Complexo de Bode Expiatório”, percebemos que

a acusação serve para que o indivíduo negue a Sombra, projetando-a em outra pessoa. A Sombra está relacionada com atitudes, comportamentos e emoções que não estão de acordo com os ideais do ego, ou com uma suposta perfeição e bondade de Deus. Essas instâncias não são reconhecidas como componentes da própria condição humana e como fazendo parte da inteireza de Deus; elas são reprimidas, negadas e lançadas para o inconsciente. Quando indivíduos se identificam com o Bode Expiatório – isto é, quando assumem responsabilidade pessoal pelas qualidades da Sombra que outros rejeitaram –, elas poderão tornar-se presas de um padrão distorcido de auto-rejeição e de um comportamento motivado pela culpa ou pela vergonha<sup>3</sup>. (PERERA, 1991:11-12)

A educação e as organizações educativas são instrumentos culturais desse colonialismo cognitivo: é o etnocentrismo pedagógico e o correlato psico-cultural do “furor pedagógico”, uma gestão escolar autoritária e impositiva para nivelar as diferenças das culturas grupais por meio do planejamento. O etnocentrismo consiste na dimensão ético-política da mesma problemática cuja dimensão psico-antropológica envolve a Sombra ou Inconsciente. Vejamos a primeira dimensão.

O etnocentrismo origina e tem origem na “heterofobia” – o Outro, em suas diversas formas: primitivo, selvagem, louco, imaturo, homossexual, “homens de cor”, crianças problemáticas, fascistas, baderneiros, “hippies”, “mulheres

1 Segundo LEACH (1993:3): “Nenhuma espécie poderia ter sobrevivido se possuísse uma tendência inerente que a levasse a exterminar todos os membros de sua mesma espécie, pois o acasalamento seria impossível. A norma de conduta genérica no reino animal é que a agressão está dirigida para fora, e não para dentro (...) As aves de rapina só matam membros de outras espécies, nunca da própria”.

2 Parte inconsciente da personalidade, caracterizada por traços e atitudes, negativo ou positivos, que o ego consciente tende a rejeitar ou ignorar. É personificada, nos sonhos, por figuras do mesmo sexo que o indivíduo. A assimilação consciente da Sombra pessoal normalmente resulta num acréscimo energético. Para maiores detalhes vide ZWEIG, C. & ABRAMS, J. **Ao encontro da Sombra: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1994.

3 Para maiores detalhes vide SANFORD, J.A. **Mal – o lado sombrio da realidade**. São Paulo: Paulinas, 1988.

de vida fácil”, hereges, etc. Como já foi dito, estes constituem “perigo” que deve ser exterminado.

Valendo-se da distinção de Lévi-Strauss entre dois tipos de sociedade, as que praticam a antropofagia (que vêm na absorção de certos indivíduos detentores de forças temíveis o único meio de neutralizá-las aproveitando-lhes a energia) e as que praticam a antropoemia (que diante do mesmo problema escolheram a solução de expulsar fora do corpo social e manter temporária ou definitivamente isolados, sem contato com a “humanidade”, os seres e grupos temidos, trancafiados em “reservas territoriais”, P.A. Taguieff mostra que quatro são as estratégias do etnocentrismo geradoras das diversas formas de preconceito e racismo (PAULA CARVALHO, 1997:181-185):

1. Antropofagia dialógica: racização amena de englobar o Outro no e pelo discurso persuasivo, forma predominante, em educação, do “homo academicus” e de muitas pedagogias dialógicas; é forma fundamental, em forma estereotipada, na mídia política;
2. Antropofagia digestiva: racização repressiva da assimilação dos outros a si mesmo, todas as formas de aculturação;
3. Antropoemia genocida: racização terrorista da destruição dos outros, como no caso das perseguições aos judeus, armênios, ciganos, feitiçeiros, linchamentos, etc.;
4. Antropoemia da tolerância: racização específica do desenvolvimento “em separado”: em aparência, respeita-se tanto o outro, tolerando-o, o que na realidade, acaba por isolá-lo, não se dando aos trabalhos dos enfrentamentos de diferenças, típico de todas as ideologias do relativismo<sup>4</sup> e ecumenismo.

O filme de Herzog, “Onde sonham as formigas verdes”, ilustra perfeitamente essa problemática da alteridade e como tratá-la, sob a forma de etnocentrismo, que é a dimensão ético-política da problemática da alteridade. Já o filme “Priscila – A rainha do deserto”, ilustra mais a dimensão psico-antropológica da problemática da alteridade, a questão da Sombra.

Vejam a dimensão da Sombra. Por meio da produção do Outro, em profundidade, elude-se a emergência do inconsciente pelo imaginário. A antropologia psicanalítica, desde Róheim até os desenvolvimentos da antropopsicanálise institucional de Anzieu e Kaës, sobretudo valendo-se dos estudos dos discípulos de M. Klein e daqueles em torno e a partir da obra de Jung - Círculo de Eranos (PAULA CARVALHO, 1998), Escola de Grenoble (BADIA, 2000), mas também dos estudos da etnopsiquiatria cultural de Devereux, de grande importância para a escola. Seguindo-se o “híbrido Klein-Jung” e a arquetipologia sócio-cultural da Escola de Grenoble, diríamos que a psique individual, grupal

e coletiva representa a elaboração da libido em seus vários níveis, do patente ao latente, pelas organizações sociais. A cultura representa uma organização da libido em nível individual, grupal e coletivo, de modo que as organizações sociais, que são organizações educativas, são organizações da libido, e a educação é um trabalho libidinal. A dinâmica dessa organização é uma dinâmica de sublimação repressiva, de modo que o reprimido, sob a forma do latente, sempre ameaça retornar, invadindo, como Outro, a cultura patente ou instituída.

Resumidamente podemos afirmar que a lei da complementaridade envolve as dimensões do consciente e do inconsciente, desde a primeira tópica de Freud, a que Jung deu os nomes de Persona e Sombra. Não é pelo fato de serem complementares que essas dimensões existam de modo equilibrado, quer seja pela repressão que constrói seletivamente a sociedade e a cultura em suas instituições (Freud e Marcuse), seja também ao material arquetípico que não tem mais acesso à consciência (Jung). Por isso a lei da enantiodromia: toda vez que uma orientação de desenvolvimento libidinal se unidimensionaliza no indivíduo, grupo ou sociedade, em termos consciente ou patente, constela-se inconscientemente o oposto que explode no Outro, na dinâmica da produção do Outro, criando-se o mal-estar, o perigo. Lembremos que as organizações educativas jamais conseguirão atingir suas metas racionalmente propostas em suas culturas patentes, se não levarem em consideração o latente, que é o Outro que está dentro delas mesmas. Por isso que se diz dos efeitos inesperados ou “perversos” no universo da vida individual e coletiva: por desconhecimento da dimensão latente do inconsciente que se dá por meio das produções imaginárias e/ou em virtude de uma recusa de levar em consideração, explode o resultado contrário do que se esperava. Isso é endêmico no universo das organizações educativas e das escolas.

Lembremos ainda que, em termos de etnocentrismo e de Sombra, o imaginário da corporeidade é de fundamental importância pois, se não levado em conta, é origem de três políticas extremamente nocivas ao funcionamento de uma cultura criativa:

- a peste emocional – de que nos fala W. Reich;
- a “dissidência libidinal” – de que nos fala Lapassade e Lourau;
- “práticas de dejeção dos interstícios” de que fala Roussillon.

Todas podem ser estratégias de morte e de extermínio. Segundo Dadoun (apud CARVALHO, 1997):

aqueles que jogam as primeiras pedras, aqueles que vêm o cisco no olho do vizinho mas não vêm a trava que está no próprio olho, aqueles que têm telhado de vidro mas atiram pedras no do vizinho, aqueles que fofocam e criam

<sup>4</sup> “Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o ‘outro’ nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação (...) Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença”. (ROCHA, 1992:20).

rumores assassinos, aqueles que jogam a polícia e os juízes e os cães e a multidão e os psiquiatras e os educadores nas pegadas do vagabundo, do judeu, do negro, do imigrado e do marginal, e aqueles que proclamam em grandes berros místicos suas furibundas ‘verdades’ religiosas, políticas, científicas e todos aqueles incontáveis ‘zé-ninguéns’ que seguem em coro – de igreja, de partido ou de seita – os ‘führers’, aglutinando-se e fazendo-se multidão, esquecendo-se em sua porção de Sombra, para saborear a calúnia, criar o rumor, veicular mentira e difamação, constituir as tribos de aclamação, alimentar as fogueiras, correr para o linchamento e, de todo o coração e com toda a boa intenção, assegurar a boa administração dos asilos, das prisões e dos ‘campos de concentração’, os salvadores do país, que querem o bem do povo, sabendo o que é melhor para ele, a massa imensa e pretensamente silenciosa que baba jogando as últimas pedras, eis algumas das figuras da pestilência caracterial-social que W. Reich descreveu e contra a qual lutou até a morte como ‘peste emocional’, que acabou por matá-lo.

### Conclusão

Esse fulcro do fascismo, que é a “couraça do caráter autoritário”, na própria União Soviética pós-revolução fez gorarem nas escolas as propostas de W. Reich e Vera Schmidt. Esse fulcro espreita o discurso neoliberal no Brasil. É a “personalidade autoritária” como “couraça de caráter” da maioria dos brasileiros: apesar da “ética do jeitinho” e da desenvoltura corporal, não há “dissidência libidinal” entre os brasileiros capaz de fazer explodir a “couraça do caráter”, corroborando que W. Reich dizia, que “antes de 2080 nenhuma mudança vai acontecer em educação ...”. (CARVALHO, 1987: 185)

### Referências

- BADIA, D. D. **Imaginário e ação cultural**: as contribuições de Gilbert Durand. Londrina: UEL, 2000.
- BOURDIEU, P. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.
- BYINGTON, C. **Desenvolvimento da personalidade**: símbolos e arquétipos. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Dimensões simbólicas da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988.
- DADOUN, R. **Cent fleurs pour W. Reich**. Paris: Payot, 1990.
- \_\_\_\_\_. **L'Occident et ses autres**. Paris: Aubier, 1980.
- DE MARTINO, E. **Furore, simbolo, valore**. Torino: Boringhieri, 1984.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, [19-].

- JUNG, C. G. **Aion**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- KAËS, R. **Quatro estudos sobre a fantasmática da formação e o desejo de formar**. São Paulo: CICE/FEUSP-EDA, 1996.
- LAPASSADE, G. **A entrada na vida**: ensaio para uma filosofia do inacabamento. Lisboa: Presença, 1970.
- LEACH, E. **Un mundo en explosión**. Barcelona: Anagrama, 1993.
- LEVI-STRAUSS, C. **Tristes tropiques**. Paris: UGE, 1965.
- LOURAU, R. **A análise institucional**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CARVALHO, J. C. de. P. Etnocentrismo. In: **Revista Interface**. Botucatu, UNESP, v. 1, n. 1, p.181-185, ago. 1997.
- \_\_\_\_\_. **Imaginário e mitologia**: hermenêutica dos símbolos e estórias da vida. Londrina: UEL, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário de alunos de escolas de 1º e 2º graus**. Relatório Final do Projeto Integrado FEUSP/CNPq, 1996.
- PERERA, S. B. **O complexo de bode expiatório**: rumo a uma mitologia da sombra e da culpa. São Paulo: Cultrix, 1991.
- REICH, W. **Escuta, Zé-ninguém**. São Paulo: M. Fontes, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: M. Fontes, [19-].
- ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RODRIGUES, J. C. **Tabus do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1990.
- SANFORD, J. A. **Mal**: o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulinas, 1988.
- TAGUIEFF, J. **La force du préjugé, le racisme et ses doubles**. Paris: Gallimard, 1990.
- ZWEIG, C.; ABRAMS, J. **Ao encontro da sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1994.

Recebido para publicação em: 15/03/2004  
 Received for publication on 15 March 2004  
 Aceito para publicação em: 21/05/2004  
 Accepted for publication on 21 MAY 2004